

Conjuntura Econômica do Brasil Agosto de 2013

Prof. Anita Kon¹

	Último dado		Dado Anterior	Tend.
	PIB pm (1990=100) 2004	I. 13*	1,9	1,4
	I. 13**	0,6	0,6	🔄
Expectativas de mercado (% de crescimento anual) ***	2013	2,49	2,50	🔄
	2014	3,20	3,20	🔄

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Contas Nacionais Trimestrais. Taxa de crescimento em volume. <http://www.ibge.gov.br>. (*) Índice do ano/índice do ano anterior. (**) Variação em relação ao trimestre anterior. *** (Focus – Relatório de Mercado do Banco Central)

O PIB brasileiro no 1º trimestre de 2013 se elevou em 0,6% e na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior a elevação foi de 1,9%. Este resultado se situou abaixo das expectativas de mercado. Do PIB a preços de mercado em valores correntes, 85% se referiram ao valor adicionado e 15,3% a impostos sobre a venda de produtos descontados os subsídios. O maior crescimento foi devido à agricultura com 9,7%, particularmente pelo recorde de produção de soja, que impediu a queda do PIB apesar do menor peso do setor no total da produção, desde que a indústria teve diminuição de 0,3% e os serviços subiram apenas 0,5%. Pela ótica dos gastos, registrou-se um crescimento de 4,6% dos investimentos em formação bruta de capital fixo, mas o consumo das famílias e da administração pública permaneceu estável (próximo a 0%). O valor nos quatro trimestres terminados no primeiro trimestre de 2013, o PIB cresceu 1,2% em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores. As expectativas são de que no ano de 2013, o crescimento não atingirá mais de 2,5%

Índice do Nível de Atividade (2002=100) INA	Jun.13**	4,8	2,8	▲
	Jun 13**	2,6	-2,7	▲

Fonte: Banco Central de Brasil, Indicadores de Conjuntura. Mensal. <http://www.bcb.gov.br>. (*) Índice do ano/Índice ano anterior. (**) Variação mensal.

O INA da indústria paulista em junho teve um abanço de 2,6% na série com efeitos sazonais e de 4,8% em relação ao mesmo mês do ano anterior.. Segundo o diretor do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp e Fiesp), este resultado não significa uma melhora considerável, porque se refere a uma comparação com o primeiro semestre de 2012, quando a indústria mostrou desempenho muito negativo. Nos últimos 12 meses o crescimento foi menor, de 0,9%, ao passo que o acumulado do ano foi de 4,3%. Entre os setores, mostraram maior crescimento em junho a indústria Têxtil (6,9%), Máquinas e Equipamentos (6,4%), Móveis, 95%), Outros Equipamentos de Transportes (4,6%) e Químicos (4,4%). Por sua vez, resultados negativos foram verificados em sete dos 18 ramos pesquisados, com maior intensidade no setor de Impressão e Reprodução (-3,6%) e de Farmacêuticos (-1,9%).

¹ Professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Índice do Volume de Vendas (2003=100)	Mai13*	4,5	1,6	▲
	Mai. 13**	0,0	0,6	▼

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Pesquisa Mensal de Comércio. <http://www.ibge.gov.br>.
 (*) Índice mesmo período do ano anterior. (**) Variação mensal.

O volume de vendas do Comércio Varejista do país ficou estável no mês de maio e na comparação com o mesmo período de 2012 apresentou alta de 4,5% e a receita nominal, de 13,4% na receita nominal. As vendas acumuladas no ano de 2013 tiveram um crescimento de 3,3% e, nos últimos 12 meses, de 11,6%. Entre as dez atividades pesquisadas, quatro registraram elevação, destacando-se os setores de Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (1,9%), de Combustíveis e lubrificantes (0,6%), Móveis e eletrodomésticos (0,4%) e Veículos e motos, partes e peças (0,4%). Este aumento pode ser justificado pelos gastos verificados para o Dia das Mães, e ainda pela estabilidade do mercado de trabalho. Entre os setores que apresentaram resultados negativos estão de Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-0,9%), Material de construção (-1,9%), Equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (-2,0%), Livros, jornais, revistas e papelaria (-2,2%), Tecidos, vestuário e calçados (-2,6%) e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (-2,6%).

Índice de Produção Industrial (2002=100)	Jun.13*	3,1	1,4	▲
	Jun. 13**	1,9	-1,8	▲

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) / Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física. <http://www.ibge.gov.br>. Média ponderada das expectativas a curto prazo de renda, desemprego, inflação e intenção de compra, no mês posterior à pesquisa. (*) Índice do ano/ Índice do ano anterior (**) Variação no mês.

A indústria brasileira mostrou crescimento de 1,9% em junho, na série com dados dessazonalizados, e também o mesmo resultado para o primeiro semestre deste ano em relação ao mesmo período de 2012. No acumulado dos seis primeiros meses a produção mostrou um movimento de instabilidade com crescimento e decréscimos (janeiro 2,7%, fevereiro -2,2%, março 0,9%, abril 1,8%, maio -1,8%). Em três das quatro categorias de uso, descontadas as influências sazonais, houve um crescimento generalizado e também em 22 dos 27 ramos pesquisados. Entre as categorias de uso, o maior avanço foi em bens de capital com 6,3%, enquanto os produtores de bens de consumo duráveis se expandiram em 3,6% e os semiduráveis e não duráveis 2,9%. Apenas Já o segmento de bens intermediários permaneceu estável em junho de 2013, com variação nula.

Índice Nacional de Expectativas do Consumidor – Geral (INEC) (**Trimestral) e Mensal (***)	Jul.13 (**)	-2,7	-2,2	▼
	Jul.13(***)	-0,1	-3,5	▼

Fonte: Federação do Comércio SP e CNI. Trimestral .

(*) Índice. Média ponderada das expectativas a CP de renda, desemprego, inflação e intenção de compras no mês posterior à pesquisa. A partir de 2010 o índice passou a ser calculado mensalmente. (**) Índice do ano/ Índice do ano anterior. (***) Variação em relação ao mês anterior.

A confiança do consumidor permanece baixa em julho, após forte queda em junho. O INEC registrou queda de 2,7% com relação a julho de 2012. Entre os componentes do INEC a maior parte do pessimismo a mostrado com relação à expectativa de inflação, cujas variações, tanto em julho como em 12 meses, foram negativas, de -5,9% e de -11,1%, respectivamente. Também o desemprego preocupa, notando-se redução 2,0%. Na comparação com julho de 2012, a queda foi ainda mais acentuada (-8,1%). No que se refere à perspectiva de renda e à avaliação da situação financeira, não houve mudança na confiança dos consumidores no mês, porém quando relacionado a julho de 2012 é observada diminuição nos dois: renda pessoal (-0,4%) e situação financeira (-2,4%). Por sua vez, o consumidor se mostra otimista com relação à evolução do seu endividamento e sobre suas perspectivas de consumo de bens duráveis, pois o crescimento do mês houve melhoria respectivamente de 1,3% e 2,1%, enquanto na comparação com o ano passado, houve oscilação positiva para as compras (3,4%) e piora para o endividamento mostra piora na avaliação (-3,7%).

Índice de Confiança do Empresário Industrial – Geral – Trimestral (ICEI) Global *	Jul.13	49,9	54,8	▼
	Jul.13	41,1	46,8	▼
Condições atuais	Jul.13	54,4	58,9	▼
Expectativa	Jul.13	54,4	58,9	▼

Fonte: Federação do Comércio SP (FIESP) e CNI. Mensal.

(*) O indicador varia no intervalo de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam confiança do empresário.

O Icei caiu em julho 4,9 pontos chegando a 49,9 pontos, o menor patamar desde abril de 2009, quando o Brasil sentia os reflexos da crise financeira internacional. Em julho de 2012 o indicador estava em 54,5 pontos e sua média histórica é de 58,8 pontos. A queda da confiança em julho é explicada primeiramente pela a retomada da elevação dos juros e ainda pelos protestos da população que no mês de junho começou a realização de uma série de manifestações contra os governos federal, estaduais. No entanto, apesar de os três setores pesquisados terem registrado queda de confiança, apenas o de Transformação está abaixo da linha dos 50 pontos, que caiu de 54,1 pontos em junho para 49,2 pontos em julho. A Indústria da Construção caiu de 55,2 pontos para 51,2 pontos no mês e a Extrativa de 57,5 pontos em junho para 52,3 pontos. A pesquisa

aponta também que os empresários do setor estão pessimistas quanto à economia brasileira nos próximos seis meses, pois o indicador caiu de 52,5 pontos em junho para 46,8 pontos em julho.

*Índice Nacional de Preços do Consumidor Ampliado – IPCA (Dezembro de 1993=100)				
Varição no mês	Mai.13	3706,28	3692,62	▲
Varição 3 meses	Mai.13	0,37	0,55	▲
Varição semestral	Mai.13	1,40	1,63	▲
Varição no ano	Mai.13	3,69	3,93	▲
Varição 12 meses	Mai.13	2,88	2,50	▲
Expectativas de mercado (Focus – Relatório de Mercado do Banco Central) (No ano %)	2013	5,83	5,82	∞
	2014	5,80	5,80	∞□

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia y Estadística/ Sistema Nacional de Índice de Precios al Consumidor. Mensal. <http://www.ibge.gov.br/>.

Em maio, a taxa de inflação registrada em maio foi a menor desde junho de 2012, pois o IPCA apresentou variação de 0,37%, caindo 0,18% em relação à registrada em abril. Apesar deste recuo em maio, o avanço dos preços nos últimos 12 meses ainda não permite alívio dos consumidores. Existem expectativas de continuação do aumento do índice em junho. Apenas em alguns grupos de produtos, houve que não muito significativa de preços: nos Transportes (-0,19%) e Comunicação (-0,22%). No entanto, no mês os remédios foram responsáveis pelo maior impacto individual da taxa com alta de 1,61 e no ano, o aumento está acumulou 4,80% nestes produtos. O movimento de aumento dos alimentos (0,31%), ficou bem abaixo dos 0,96% de abril e segundo o IBGE, com isso o impacto na taxa total passou de 0,24 para 0,08%. De uma forma geral os aumentos ainda estão altos quando comparados com os de 2012, porém algumas medidas de desoneração de impostos lançadas pelo governo resultam em expectativas mais otimistas quanto à inflação.

Taxa de desocupação (30 dias) - % Nova metodologia. Varição mês anterior	Jun.13	6,0	5,8	▲
---	--------	-----	-----	---

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) / Pesquisa Mensal de Emprego.

Em junho a taxa de desocupação ficou em 6%, com elevação pouco significativa no mês e também com relação ao mesmo mês de 2012. A população ocupada de 23 milhões também não variou muito em relação a estes dois períodos, enquanto o número de trabalhadores com carteira de trabalho assinada que se situa no setor privado e representa metade da população ocupada, também ficou estável no mês, porém cresceu 3,2% quando comparada a junho de 2012. O setor

que foi responsável pela queda da ocupação foi da Indústria, mostrando queda de 3,3%. Com este resultado, o rendimento média real dos trabalhadores e a massa de rendimento média também não apresentaram variação no mês porém em relação a junho do ano anterior variaram respectivamente em 0,8% e 1,5%.

Saldo da Balança Comercial (Milhões de US\$).	Jun. (*) 13	2.394,00	758,80	▲
	Jun.(**)13	-2.998,10	7.063,30 (***)	▼
	Jun. 2013 (****)	9.371	10.176	▼

Fonte: Departamento Econômico do Banco Central do Brasil (DEPEC). <http://www.bcb.gov.br>

(*) Mensal. (**) Acumulado no ano. (***) Acumulado no mesmo período do ano anterior. (****) Acumulado nos 12 meses anteriores.

No mês de junho a balança comercial brasileira, pela primeira vez no ano, teve um mês com desempenho superior ao de igual período do ano passado, para o qual contribuíram a desaceleração das importações e a venda ao exterior de plataformas para exportação de petróleo e dessa forma o superávit no mês foi de US\$ 2,39 bilhões. As importações totais se elevaram em apenas 1,5% e junho, abaixo da média de 8,4% do primeiro semestre de 2013, tendo em vista uma queda considerável na compra de petróleo e combustíveis. Os dados mostram que sem o grupo petróleo e derivados, a alta das importações no mês teria sido de 11,5%. O saldo de junho mostram uma recuperação na Balança Comercial após 3 meses de fortes déficits e dois fracos superávits. No primeiro semestre como um todo, o saldo ficou deficitário em US\$ 3 bilhões. Um dos fatores desse forte déficit em 2013 foi o registro atrasado de importações de petróleo e derivados cujas compras efetuadas em 2012 foram registradas na Balança de 2013.

Reservas Internacionais * (milhões de US\$)	Jun.13	371.109	374.417	▼
--	--------	---------	---------	---

Fonte: Departamento de Reservas de Operações Internacionais do Banco Central de Brasil (DEPIN).

*Conceito de liquidez. <http://www.bcb.gov.br>

O Brasil em junho atingiu mais de US\$ 371 bilhões em reservas internacionais, com ligeira queda. O Banco Central realizou intervenções ao promover leilões de vendas de dólares no mercado futuro para tentar reverter a desvalorização do real ante o dólar em um dia em que a moeda norte-americana fechou em R\$ 2,1479, com alta de 0,71%. A manutenção de altas reservas internacionais é definida pelo governo em um momento em que a maioria dos países emergentes sofre com a alta da moeda americana. A curto prazo, esta política é uma proteção contra crises externas, que dá ao país fôlego para o buscar alternativas a problemas macroeconômicos, no entanto não é suficiente para trazer solidez e confiabilidade na economia do país por alguns investidores estrangeiros que vem deixando o país.